



POVÇA
DE
VARZIM
BOLETIM
CULTURAL

VOLUME
XXVII
N.º
1
1980

EDIÇÃO
DA
CÂMARA MUNICIPAL

Génios eleitos do pensamento e da acção não é vosso o *paúl dos rasos*, porque sois o diadema de Deus!
Póvoa de Varzim, 23.

Leonardo Coimbra⁴⁰

A MITOLOGIA POVEIRA:
O "CEGO DE MAIO".
O "PATRÃO LAGOA"

Todas as terras têm um panteão, e um repositório de contos, onde figuram os seus heróis, registados e venerados através da realidade, e da fantasia, que amplifica a realidade. O "Cego de Maio" é um dos heróis poveiros e o que das suas aventuras se conta é património da mitologia poveiroense. Quando Leonardo nasceu já o "Cego de Maio" andava a caminho da morte, mas a aura do poveiro saíu da sua terra, sendo evocado um pouco por toda a parte, até nas escolas, como modelo imitável. Leonardo não conheceu a pessoa mas aderiu ao seu registo histórico. Era um dos seus *santos*, colocado no altar onde também venerava outros, filósofos que, apenas, fossem.

José Rodrigues Maio (1817-1884) foi uma destas pessoas que passou pelo mundo gerando actos de abnegação. Era um salvador nato, um abnegado salvador. Recebeu, por actos de bravura, a condecoração da Torre e Espada, a sua alcunha, "Cego de Maio", foi dada a um barco de socorros a naufragos, e, em 1909, a Póvoa consagrou-o numa estátua, erguida pelo Clube Naval e pelos poveiros residentes no Brasil⁴¹. A estátua chamaria a atenção de Leonardo, mas o que o motiva para a simpatia ao "Cego de Maio" é a gesta do naufrágio do "Veronese". E o herói poveiro assume-se paradigma na sua obra de pensador e de educador. Uma parte do livro *A Alegria, a Dor e a Graça* (1916) é escrito na Póvoa. E, nessas páginas de visão sublime, que herói nos apresenta Leonardo, para exemplificar o amor activo?

"Conheceis o *Cego de Maio*?

Foi um poveiro. Era um Neptuno baptizado"⁴².

⁴⁰ O *Comércio da Póvoa de Varzim*, Ano X, nº 8 (26.1.1913) p. 1. Compilado in Leonardo Coimbra, *Dispensos V*, a publicar.

⁴¹ Cf. V. Barbosa, *A Póvoa de Varzim*. Porto, 1941. Uma bela foto do Patrão acha-se na revista *A Póvoa de Varzim* ano II, nº 10 (Março, 1913) p. 3.

⁴² L. Coimbra, *A Alegria, a Dor e a Graça*, (Porto, 1916), p. 11.

Conta então a história mítica do seu heroísmo, e dá-o como simples modelo do amor pela criança:

"Certo dia, um pescador importunou-o, a ponto de o *Cego* lhe prometer castigo. Um filho do importuno, puxando-lhe pelo casaco, disse — *Cego, não batas no meu paizinho...*

O herói tomou a criança, beijou-a e largou a fugir precipitadamente"⁴³.

E Leonardo fecha com ouro: "Há frases, isto é um acto"⁴⁴.

O idealismo leonardino amava os exemplos reais, tirados do espelho da vida e, por isso, o seu frequente recurso a imagens do povo, a figuras dos simples. E foi o "Cego de Maio" que se lhe levantou aos olhos quando, em Novembro de 1920, na sequência da política brasileira, os pescadores poveiros começaram a regressar à terra mátria. Como vimos, Santos Graça esteve na luta, pela sua recolocação na África Portuguesa. Leonardo deu a sua ajuda, sobretudo, a sua palavra de apoio. No dia 4 de Novembro de 1920 escreveu um belo artigo, de boas vindas aos pescadores poveiros. E escreveu-o como "abraço da academia" ao povo pescador⁴⁵. Texto sentido, evocador das distâncias e das ausências, é um hino à alegria. Conclui, evocando o "Cego de Maio".

"Eles devem rir e chorar, como um deles, herdeiro último do Cego de Maio, o patrão Lagoa, me dizia no dia seguinte à sua epopeia do "Veronese": — "Sim, meu senhor. Eu não sabia o que tinha, mas quando recebi no meu barco o primeiro naufrago, estava muito contente e muito triste, *chorava e ria* ao mesmo tempo". E, pondo a flor na miséria, na evocação dos grandes heróis populares, Leonardo desafia: "Devemos rir com eles, da grande alegria de os termos como irmãos, e chorar em silêncio os pecados do nosso desamor por esta sagrada terra de Portugal".

E, um dia, já ao tarde, falando na Festa dos Bombeiros Voluntários de Braga, era o dia 29 de Maio de 1927, Leonardo, que versou o tema "O Homem e a Fatalidade. O Triunfo do Amor", evocou de novo o "Cego de Maio".

Disse: "Uma noite tétrica, na Póvoa de Varzim, o mar rugia cheio de cólera histórica, havia seres em perigo, e em terra o fogo crepitava sinistro, lutando contra ele indómitas vontades. Foi então que um

⁴³ Id., *ib.*, p. 22.

⁴⁴ Id., *ibid.*

⁴⁵ "Os Poveiros. O Abraço da Academia", in *A Tribuna*, Ano I, nº 169 (Porto, 4.11.1920), p. 1. Cf. *Dispensos V*.

pobre pescador sozinho se lançou numa casquinha de noz, e guiado apenas pelo magnetismo do seu amor, pode salvar os outros homens em perigo, ao mesmo tempo que em terra triunfavam do fogo aqueles que o combatiam. Nessa terra foram dois momentos simultâneos em que se viveu a pura vida do amor"⁴⁶.

Que exemplo didáctico se poderia aduzir numa festa de bombeiros, para mais voluntários? O voluntariado não decorre da vontade, é acto de amor. Foi essa a mensagem recebida em Braga.

LEONARDO E "O POVEIRO" DE SANTOS GRAÇA

Depois que Rocha Peixoto morreu, em 1909, para mais fora da sua terra, em Matosinhos, a Póvoa ficou sem um etnógrafo de análoga envergadura. O autor mais prezado era o jornalista Cândido Landolt, que, aos poucos, ia levantando a sua obra acerca dos costumes dos "poveiros", esse povo que, vivendo na Póvoa, é um povo distinto com sua língua, sua cultura, suas tradições e, até, com a sua oclusividade em relação a estranhos. Mais poeta, com menor vinculação à metodologia cientificizante de Rocha Peixoto, era autor que não se podia, de modo fácil, situar na Escola de Antropologia portuense, organizada em torno de Rocha Peixoto, e de Severo Portela, actuante na revista *Portugália*. Só, com dificuldades de comunicação com os marítimos poveiros, uma vez não ser da terra, nem da classe, conseguiu, mesmo assim, publicar uma obra que, nos seus defeitos, tem enorme acento positivo: *Folklore Varzino. Costumes e Tradições do Século XIX* (Póvoa de Varzim, 1915)⁴⁷.

Mas havia outro etnógrafo. Esse ia fazendo a sua obra, sem dela dar sinais visíveis. Santos Graça, opositor político de Landolt, não tinha na mente, até à época de Leonardo Coimbra, levar uma pesquisa etnográfica a efeito, para se apresentar como etnógrafo. Já muito havia que, porém, pesquisava. Desde 1901, pesquisava para Rocha Peixoto, gratuitamente. Um dia, na Póvoa, Peixoto efectuou uma conferência sobre as Corporações no progresso local, e afirmou que a organização corporativa fora coisa tardia no nosso país. No final da conferência, Santos Graça teve uma conversa com o mestre antropólogo, e contou-lhe umas pequenas

curiosidades da organização corporativa consuetudinária dos "poveiros", com as suas marcas, demandas e filantropias. Rocha Peixoto ficou surpreso. Ele, poveiro, nunca tal imaginara. E solicitou a Santos Graça que fosse tomando notas, e que lhe as entregasse, para os seus estudos. Santos Graça aquiesceu, e manteve o fornecimento de informes até 1909. Como ganhara um hábito, manteve-o. Anotava, comentava e guardava, num momento em que, de facto, os novos tempos já iam fazendo desaparecer os "fechados costumes poveiros". Qual o segredo do sucesso de Santos Graça nestas pesquisas? — Bom, ele provinha do povo "poveiro", das famílias de pescadores. Era um "Amarelo" da tribo dos "Amarelos", cujo barco tinha esta marca: mastro e verga içada, e cruz ao centro do mastro⁴⁸.

Ele mesmo era, na vila, alcunhado de "Amarelo", porque os "poveiros" raro se chamavam pelos nomes de baptismo ou de registo; conheciam-se por alcunhas, que abrangiam famílias inteiras. Ele entrava, se bem que lojista, no secretismo das tribas, e obtinha informações que valiam o peso de ouro. Com o seu jeito e a sua curiosidade, estava num ponto ímpar, para narrar os costumes do seu povo.

Foi quando Leonardo chegou e viu, com mágoa, que os usos e os costumes poveiros iam desaparecendo, sem que ninguém os registasse. E Santos Graça revelou-lhe o seu iniciático registo. Leonardo não podia sentir indiferença. Encheu-se de entusiasmo e passou a exercer sucessivas pressões para que o amigo tornasse livro o que era um monte de papéis. Dá-lhe, inclusivamente, orientações metodológicas, por forma a que o trabalho etnográfico fosse elaborado dentro da tradição das ciências antropológicas da *Portugália*, que achara sequência em *A Águia*. E insistiu, conseguindo um texto sobre os casamentos poveiros, que publicou⁴⁹. O etnógrafo atreveu-se então a publicar outro texto no seu jornal⁵⁰. Em 1915 saiu o livro de Landolt, e Santos Graça, reconhecendo embora a qualidade dos registos do cancionero, achou incorrectos os registos das marcas e costumes indígenas. Achou em Leonardo renovado apoio: que elaborasse o livro, que prosseguisse, que não ficasse etnógrafo anónimo. "Eu devo-lhe, e digo-o no meu livro *O Poveiro*, o maior incitamento aos meus trabalhos etnográficos. Talvez sem a sua insistência em que os publicasse não teriam saído da minha secretária"⁵¹.

⁴⁶ *Correio do Minho*, Ano I, nº 279 (Braga, 31. 5. 1927).

⁴⁷ A seguir a Landolt, também Augusto César Pires de Lima estudou "As Marcas dos Poveiros", in *Lusa* I, pp. 17-18. Este ensaio foi transcrito por *O Intransigente*, P. de Varzim, 13.12. 1917 e 13.1.1918.

⁴⁸ S. Graça, *O Poveiro*. P. Varzim, 1932, pp. 26 e 50.

⁴⁹ *A Águia*, 2ª série, (1913) pp- 179-183.

⁵⁰ *O Comércio da Póvoa de Varzim*, Ano X, nº 32 (11.7.1913).

⁵¹ Santos Graça, in L. Coimbra. *Testemunhos dos seus Contemporâneos*, p. 129.